

PELO DIREITO AO GRITO: AS LUTAS SILENCIADAS DA UNIVERSIDADE PÚBLICA HAITIANA EM BUSCA DE RECONHECIMENTO, INDEPENDÊNCIA E DEMOCRACIA¹

Pâmela Marconatto Marques²
Maria Elly Genro³

Resumo

Este estudo es dedicado a la presentación y análisis de la Universidad de Estado de Haití - la única universidad pública del país - y su historia de lucha, confrontación y resistencia, que sigue siendo profundamente desconocida para sus vecinos latinoamericanos, entre los que se incluye a Brasil. Entendemos que esta ignorancia no se limita a la Universidad de Haití, en particular, sino que se extiende al país en general, cuya comprensión más compleja y densa se ha visto obstaculizada por una cobertura mediática que suele estar marcada por la exacerbación del exotismo, de la pobreza o de la tragedia haitiana. De ello se desprende que, desde el terremoto de enero de 2010, Haití ha sido objeto de una serie de discursos etnocéntricos, comprometidos para justificar prácticas que sólo pueden ser definidos como coloniales una vez que se presentan como ruta / instrumento de la salvación del país para una supuesta "incapacidad para existir por sí mismo" o "resolver sus propios problemas". El presente estudio partirá del confronto entre esos discursos producidos "desde afuera" y los discursos y practicas "desde adentro" que los desestabilizan y ponen à prueba.

1. Introdução

Ao analisar uma série de relatórios internacionais sobre a situação da Universidade Pública haitiana, começamos a desconfiar que a existência de uma instituição "de elite", como é entendida a Universidade, em um contexto absolutamente periférico, associado à miséria e à privação, tem causado incômodo, perplexidade e confusão naqueles que se consideram os legítimos criadores de tal instituição e definidores de seus contornos e rumos. Tudo se passa como se um país que figura na lista dos mais pobres do mundo, engajado em não perecer de fome e doença, não pudesse "dar-se ao luxo" de ter uma Universidade e menos ainda de reclamar uma Universidade distinta.

Talvez a razão do incômodo esteja na desestabilização causada pela constatação de que há pensamento autônomo em contextos tidos como "tábulas rasas", onde a alteridade é concebida enquanto "espaço vazio"(MENESES, 2010). Imaginamos que o Haiti "inventado" por seus antigos colonizadores/invasores seja um desses espaços tidos como "inviáveis", onde só há novidade trazida "de fora" e implementada "de cima". O Haiti inventado é um Haiti arcaico, um espaço anacrônico na moldura tecida pela modernidade, lugar espúrio de sofrimento e privação, ambiente homogêneo, totalizante e determinado, sem lugar para a diferença, o desvio, a invenção, a possibilidade. Tal como o "*Orientalismo*" denunciado por Sayd⁴, acreditamos que se possa falar em um "Haitianismo", inventado

¹ Artigo apresentado ao GT 30 Centro América e o Caribe: conflitos, crise e democratização do XXIX Congresso Latino-americano de Sociologia (ALAS 2013).

² Advogada e cientista social. Mestre em Integração Latinoamericana e em Educação. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos dos Anjos e da Profa. Maria Elly Herz Genro.

³ Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS.

⁴ Em "*Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*", Sayd denuncia a invenção de um "Oriente" exótico e distante pelo "Ocidente", que só existe na medida em que afirma a superioridade do segundo.

pelo centro hegemônico, difundido com ajuda das agências multilaterais a seu serviço e da mídia internacional, ávida por estereótipos trágicos.

É nesse sentido que, nos parece, vem sendo percebida e analisada a Universidade de Estado do Haiti (UEH), única Universidade Pública do país, por uma série de agências multilaterais, ONGs, Institutos internacionais de pesquisa e governos estrangeiros, empenhados em “auxiliar a reconstrução do Haiti” e de sua Universidade, por meio de uma série de relatórios, recomendações e planos de ação, que apesar de já virem sendo produzidos desde antes do terremoto de 2010, ganham reforços após a tragédia. Tudo se passa como se a precariedade da educação haitiana pós-terremoto estivesse a fornecer uma inelutável “razão de ser” às centenas de organizações estrangeiras presentes no país, justificando sua permanência e conferindo-lhes o reconhecimento e a importância buscados. O Haiti *real* perde cada vez mais espaço nesse cenário inventado, discursado, fotografado e reproduzido hermeticamente, a ponto de se tornar imperiosa a divulgação de outras versões, outras dimensões, outros olhares sobre o Haiti. Aí se inscreve essa narrativa sobre a Universidade Pública no país.

2. Saberes e fazeres locais no repertório do Movimento Estudantil Haitiano

O início dos anos noventa, período que na maior parte dos países latino-americanos correspondeu ao retorno democrático, foi marcado, no Haiti, por um novo golpe militar, que retirou do poder o presidente democraticamente eleito, Jean-Bertrand Aristide. Nesse período, a comunidade acadêmica da UEH - assim como os demais movimentos populares, então apoiadores de Aristide - transformou-se num verdadeiro “*bastião da defesa do retorno à ordem constitucional*” (NASCIMENTO; THOMAZ 2010: 58), sofrendo intensa perseguição por parte do governo golpista. Nesse momento, centenas de estudantes foram presos e torturados, e muitos deles permanecem desaparecidos até hoje.

A volta de Aristide ao poder, em 1994, pelas mãos do mesmo país do qual se suspeitava ter apoiado o golpe - EUA -, não foi capaz, porém, de instaurar normalidade à convulsionada estrutura nacional. Na Universidade, teve início um período de greves marcado pela radicalização do movimento estudantil - frustrado com a mudança de Aristide - e pela estafa do corpo docente, ambos, outrora apoiadores, a partir de então, fortes opositores do governo de Aristide, que, cada vez mais, passou a apostar no uso da violência instrumentalizada por forças paramilitares, as já citadas *chimès*, não raro formadas por jovens e crianças recrutadas nas regiões mais pobres do Haiti.

O segundo mandato de Aristide (2001-2004) esteve marcado por episódios especialmente delicados de confronto com a Universidade e, mais especificamente, seu movimento estudantil. Eles nos interessam à medida que nos dão pistas importantes sobre o *status* da comunidade acadêmica e da própria Universidade em seu entorno, as preocupações que suscita e o modo como interage e é vista pela sociedade que a circunda, suas organizações e movimentos. Além disso, servem para que pensemos a dinâmica acionada pelo movimento estudantil e seu potencial pedagógico, político e democrático.

O mais emblemático desses eventos teve início com a decisão do Ministério de Educação Nacional - mais precisamente da Ministra Myrtho Celestin Saurel -, em 27 de Julho de 2002, de dissolver, unilateralmente, o Conselho Executivo da Universidade de Estado do Haiti, eleito em 1998, dentro da moldura de autonomia institucional regulamentada pelas Disposições Transitórias de 1997, no que ficou conhecido como “*golpe de Saurel*” (COLBERT, 2002). No mesmo ato, a Ministra determinou que o Conselho fosse imediatamente substituído por um comitê provisório, indicado pelo governo, que ficaria responsável pela condução de novas eleições e pela realização de “*algumas reformas no âmbito do Ensino Superior público*”, tendo como objetivo sua “*despolitização*” (idem).

A razão apontada pela ministra como fundamento do ato foi a expiração do período regulamentar de mandato do Conselho Executivo, reclamada por um grupo de alunos que

reivindicavam a inelegibilidade do Reitor em exercício para um novo mandato, em uma manifestação realizada junto à Reitoria. A manifestação foi amplamente compreendida (DESHOMMES; LOUIS-JUSTE; CASTOR; COLBERT) como “encenada” e politicamente planejada pelo governo Aristide em uma “*tentativa de ingerência política sobre a UEH*”, parte de um provável “*plano de controle sobre a Universidade*” (COLBERT 2002) e, no limite, sobre “*todas as instituições públicas do país*” (LOUIS-JUSTE 2002).

A atitude de Saurel, definida como “*inaceitável*” e “*escandalosa*” pelo Reitor, foi veementemente condenada pelos conselhos Executivo e Universitário da UEH, que, utilizando-se das mídias independentes do país⁵, convocaram a sociedade civil haitiana a se rebelar contra essa “*ingerência inaceitável*”. A convocação foi endossada pela Federação Nacional dos Estudantes Universitários do Haiti, em um “*apelo à solidariedade e ao apoio na luta pela autonomia e independência da Universidade*” (GOSTON 2002). Neste apelo, convocou-se a população a uma marcha pacífica de protesto, encabeçada pela recém criada “*Frente de Resistência pela Defesa da Autonomia e Independência da UEH*”, composta por estudantes, alguns professores⁶, organizações da sociedade civil e movimentos sociais.

Durante as mobilizações que seguiram ocorrendo durante o ano de 2003 e início de 2004, a Frente de Resistência organizou uma “*Comissão de Reforma*”, responsável pela elaboração de um “*Quadro de discussão sobre a Reforma da UEH*”. Esse documento, quando finalizado, em maio de 2003, foi amplamente divulgado na capital Porto Príncipe, por meio das mídias já citadas⁷. Trata-se de uma extensa pauta, onde os principais problemas e desafios da UEH foram listados e discutidos por seus autores, que, dessa forma, deixam antever seu entendimento da missão a que deve estar dedicada a Universidade Pública no Haiti.

Em sua introdução, a iniciativa de luta por independência e autonomia à UEH é apresentada como parte de um processo de “*engajamento pela democracia*” que pressupõe a descentralização, a admissão aberta e a democratização da UEH. Ainda na introdução, perguntas como “*a Universidade Pública haitiana pode contribuir à materialização do desenvolvimento social do país?*” e “*de que modo a reforma curricular, administrativa e de espaço físico da UEH pode contribuir à construção da Democracia no Haiti?*” são levantadas. Evidencia-se, aí, a vontade, que nos parece a coluna dorsal desse documento, de fazer da Universidade, a um só tempo, **laboratório de práticas democráticas e acervo de saberes ativos, posicionados, éticos, capazes de cumprir papéis políticos construtivos no desenvolvimento do país**⁸.

⁵ Ao mencionar “mídias independentes”, referimo-nos, sobretudo, ao jornal ALTERPRESSE, auto-nomeado “veículo alternativo de informação no Haiti”, dirigido por jornalistas e sociólogos haitianos, mas também ao “AYITI KALE JE”, jornal independente de divulgação de notícias em *créole*, espanhol e francês e à Kiskeya, rádio comunitária haitiana, com sítio web próprio “<http://www.radiokiskeya.com>”. Há, entretanto, inúmeros outros veículos de informação semelhantes a esses.

⁶ Pelo que foi possível compreender a partir das fontes consultadas, há duas frentes de organização dos professores da UEH: o *Sindicato de Professores Universitários* e o *Coletivo de Professores*. Enquanto o primeiro guarda uma distância considerável em relação ao movimento estudantil e às bandeiras levantadas pelos alunos, o segundo é apoiador intenso e presente na grande maioria das ações organizadas pelo movimento estudantil.

⁷ O documento está disponível em <http://www.alterpresse.org/spip.php?article506>

⁸ Essa postura de negação de uma “neutralidade científica” ou “ética” encontra na obra de Florestan Fernandes, sobretudo em seus escritos sobre a Universidade, um profundo defensor. Segundo o sociólogo brasileiro, “*para se alcançar o campo de ação concreto da renovação da história, é necessário que a Universidade saia de seu confinamento: afinal, para que servem se não estiverem a serviço dos homens comuns na crítica e na reconstrução da sociedade?*” (FERNANDES 2004). Também no já citado Darcy Ribeiro (1986:21) e sua denúncia dos problemas-desafios da Universidade Pública brasileira no final da década de 80, as reivindicações haitianas encontram eco: “*o saber ou a técnica, por competentes que sejam, nada significam, se não perguntam para que e para quem existem e operam, se não se perguntam a quem servem*”. Ou ainda, quando prega “*a responsabilidade de que o saber não seja inútil, mas sirva ao seu povo e ao seu tempo*”.

Na seção nomeada “*Quadro de referência da Reforma*”, ao mencionar-se a necessidade de reforma curricular, critica-se a “*transmissão de conhecimentos universalistas e generalizantes*”, propondo-se uma educação universitária situada, capaz de tornar-se “*agente de realização da síntese da herança deixada pelas civilizações ameríndia, africana e ocidental no Haiti*”, de forma que seu legado possa ser acionado na resolução dos problemas concretos enfrentados pelo país. Ressalva-se, nesse ponto, que o problema não está no conhecimento dito “*universal*”, mas no alijamento dos saberes “*criolos*” que compõem a identidade nacional, necessários à “*preservação da diversidade que compõe a unidade do povo haitiano*”⁹. Ainda, ao propor a reforma curricular como parte da reforma universitária, propõe-se que a questão sobre “*que tipo de indivíduos pretende-se formar nessa Universidade?*” atue como balizadora das discussões a esse respeito, ao mesmo tempo em que se levanta a necessidade de um currículo capaz de inspirar as “*decisões econômicas, políticas e culturais a serem tomadas tendo em vista o benefício da população*”.

Na seção intitulada “*O serviço social e a pedagogia ativa do trabalho*”, postula-se, por meio da referida pedagogia, “*a possibilidade, de um lado, de sintetizar os conhecimentos universais e os saberes locais e, de outro, de revelar ao estudante o papel da prática na compreensão da realidade*”¹⁰. Acrescenta-se, ainda, que “*os problemas práticos que se apresentam como desafios ao desenvolvimento do país são importantes instrumentos pedagógicos para a sensibilização dos estudantes quanto ao papel que desempenharão na sociedade e na Universidade*”. Percebe-se, aí, a compreensão, amplamente encontrada na literatura haitiana, de problemas como desafios e oportunidades pedagógicas. Ainda nessa seção, afirma-se a importância do serviço social a ser prestado pela Universidade à comunidade na “*abertura do espírito ao outro*” e na “*manifestação de uma solidariedade concreta no processo de solução conjunta dos problemas vivenciados pela sociedade*”.

Quanto à “*Reforma administrativa da UEH*”, reivindica-se a gestão democrática da Universidade e a criação de uma vice-reitoria específica para a extensão, encarregada de “*difundir os conhecimentos produzidos e conduzir as atividades do serviço social em geral, funcionando como mediadora entre a sociedade e a Universidade e como observadora dos processos sociais*”. Clama-se, ainda, pela descentralização da UEH, que, como espaço principal da Educação Superior “*não pode permanecer concentrada na capital em razão dos centros ocidentais de pesquisa, devendo estender-se sobre todo o território nacional*”.

O capítulo final do documento se dedica a pensar abordagens “*profissionais, ativas, ousadas e originais*” para o problema da escassez de recursos enfrentado pela UEH. As propostas vão desde a organização de concertos de música, leilões de obras de arte, venda de produtos confeccionados pelos alunos nos ateliês de arte, até maratonas a serem organizadas pela associação de mídias do país, bem como o acionamento da diáspora haitiana. Além disso, os movimentos sociais, sobretudo o estudantil, são especialmente convocados para pressionar o governo pelo aumento do percentual do orçamento nacional destinado à UEH e apenas por último menciona-se a mediação da UNESCO para a arrecadação de doações internacionais.

⁹ Mais uma vez, o encontro das reivindicações feitas pelos movimentos sociais haitianos com as ideias de Darcy Ribeiro nos parece interessante. Ao afirmar, no texto “Universidade para quê”: “*nosso caminho não será o soviético, nem o japonês, nem o canadense. Ninguém revive a história alheia. Cada roteiro trilhado por um povo no esforço para realizar, na civilização a que pertence, o seu destino, é um caminho próprio e único*” (RIBEIRO 1986:24), também ele aposta na Universidade como esse espaço onde o país deve pensar a si próprio “*como problema*” e encontrar, a partir de suas peculiaridades, um caminho próprio e específico a orientar seu desenvolvimento.

¹⁰ Adivinhamos, aí, a influência do pensamento de Paulo Freire e, mais especificamente, de seu conceito de práxis educativa - “*A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade*”(FREIRE 1989) - sobre os membros da Comissão de Reforma. Como ficará evidenciado mais à frente, alguns professores da UEH, apoiadores do movimento estudantil, conheciam profundamente sua obra, como é o caso do Prof. Anil Louis-Juste.

As “doenças” diagnosticadas e as “receitas” prescritas à UEH nos relatórios internacionais

Diante do panorama geral dos relatórios e planos de ação dedicados ao Haiti por ONGs, OIs, institutos de pesquisa e observadores governamentais presentes no país, especialmente após o terremoto de 2010, o montante dedicado ao ensino superior em geral, e à UEH em particular, é bastante reduzido. Encontramos, nesse sentido, quatro relatórios: I) Rapport de mission réalisée du 22 mai au 4 juin 2005, elaborado pela Canadian International Development Agency (CIDA) e publicado em 2005; II) The Haitian Diaspora & Education Reform in Haiti - Challenges & Recommendations, elaborado pela Columbia University - Bureau of Haiti's Special Envoy to the United Nations and the Social Science Research Council (SSRC) e publicado em Maio de 2011; III) Special Report – Education and Conflict in Haiti: rebuilding the Education Sector after the 2010 Earthquake, elaborado pelo United States Institute of Peace (USIP) e publicado em 2010; VI) Da crise às ruínas: Impacto do terremoto sobre o ensino superior no Haiti, elaborado a pedido do Ministério da Educação do Brasil e publicado em Maio de 2010. Como este último tem como foco reportar o estado em que se encontram as estruturas físicas da UEH pós terremoto, resolvemos deixá-lo de fora da análise.

Há diversas observações a serem feitas, de modo preliminar, sobre esses documentos: a) Todos eles foram elaborados por estrangeiros em visita ao país ou simplesmente de fora, a partir de outros relatórios; c) A maioria dos relatórios foi produzida a partir de solicitação governamental, todos com fim de intervenção/cooperação; d) Com exceção do primeiro relatório, todos foram elaborados após o terremoto de 2010; e) Percebe-se que os relatórios citam-se uns aos outros, na medida em que vão sendo publicados.

Quanto a seu conteúdo, pudemos observar que todos eles utilizam, em maior ou menor medida, como fontes de pesquisa e informação sobre a Universidade Haitiana e o próprio Haiti, dados divulgados pelo Banco Mundial (BM), pelo Banco Interamericano para o Desenvolvimento (BIRD), pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), pela United States Agency for International Development (USAID), pelo Ministério da Educação Nacional e Formação Profissional do Haiti (MENFP) e pela própria Universidade de Estado do Haiti, seja por meio de documentos, seja por meio de conversas e entrevistas realizadas com sua comunidade acadêmica. Enquanto os últimos são mais utilizados na realização do diagnóstico da situação do Ensino Superior no Haiti e de seu marco legal, os primeiros são utilizados, na maioria dos casos, como referencial para as soluções propostas e/ou objetivos/modelos a perseguir.

Nota-se, dessa forma, que o campo de produção discursiva e analítica, que acaba conduzindo a ação e intervenção em relação ao Ensino Superior haitiano é formado, essencialmente, pelos atores citados, acrescidos por agências canadenses e europeias de cooperação. Essa informação é endossada pelo Plano Operacional 2010-2015 para a educação haitiana, elaborado por uma Comissão tripartite composta pela Comissão Presidencial em Educação e Treinamento do Haiti, pelo Ministério da Educação e Formação Profissional do Haiti e pelo Banco Interamericano para o Desenvolvimento (BIRD).

Por outro lado, não há citação ou referência expressa, em nenhum dos documentos, ao “*Quadro de discussão sobre a Reforma da UEH*”, elaborado pelo movimento estudantil e outros segmentos sociais em 2003 e já analisado nessa dissertação, ainda que, no relatório elaborado a pedido do Ministério da Educação brasileiro, a menção ao movimento estudantil haitiano e à vitalidade da vida acadêmica na UEH seja frequente.

Já nesse ponto podemos perceber a divisão evidente que se impõe entre o olhar estrangeiro e o olhar haitiano, ainda que esse olhar seja o de estudantes universitários haitianos. Aquele, autorizado a olhar, penetrar e invadir o espaço “inviolável” da Universidade haitiana e, na mesma medida, do Haiti, enquanto país periférico, reforçando sua subalternidade. Esse, sempre objeto de (super)visão, jamais

requisitado em sua capacidade de olhar. Essa relação de subalternização nos remete à fala de Nelson Maldonado Torres sobre as continuidades coloniais no mundo contemporâneo:

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta idéia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial, utilizando-se, entre outras, da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (TORRES, 2007, p. 131).

Entendemos, assim, que na geopolítica determinada pela “colonialidade do saber” (MIGNOLO 2003), não há espaço para o olhar do movimento estudantil sobre os problemas e rumos de sua própria Universidade, no limite, porque se tratam de haitianos e, ser haitiano, nessa geografia, significa ser negro, pobre, atrasado, supervisionado, estudado, conduzido, “apoiado” e, conseqüentemente, não ter direito à voz .

O mais antigo entre os relatórios que compõem o corpus dessa breve análise foi realizado por dois especialistas vinculados ao Instituto Canadense de Cooperação Internacional, a pedido da Universidade de Montreal. Esta, desejando estabelecer com a Universidade de Estado do Haiti um programa de cooperação em matéria de saúde, solicitou um diagnóstico sobre os problemas da Faculdade de Medicina e Farmácia da UEH. A constatação dos problemas de gestão e funcionamento são balizados pelos modelos de funcionamento e gestão da própria Universidade de Montreal, tida, assim, como paradigma a partir do qual a UEH seria avaliada. Os especialistas canadenses deslocaram-se para Porto Príncipe com a finalidade de realizar o referido diagnóstico. Para seu estudo, consultaram estudantes e professores dos cursos mencionados, assim como o Conselho Executivo da UEH e inúmeros documentos produzidos pelo Ministério de Educação e Formação Profissional e pela própria UEH.

Entre os principais problemas apontados destacam-se: A infraestrutura precária; A ausência de um sistema nacional de avaliação dos estudantes, professores e cursos; Recursos financeiros insuficientes para a realização das reformas necessárias; A ausência de um quadro normativo para regulação da Universidade, para além das Disposições Transitórias aprovadas em 1997; Currículos eminentemente teóricos e avaliações baseadas na memorização.

Fora dessas constatações gerais, há que se mencionar uma evidente polarização na avaliação desses especialistas em relação aos professores e aos alunos dos cursos de Medicina e Farmácia da UEH. Aos primeiros, em sua maior parte, contratados com dedicação apenas parcial à UEH, reputam-se “dificuldades para trabalhar em equipe” e certo “desinteresse pela vida no campus e a formação de seus alunos”. Quanto aos alunos, apesar de reportar-se “excesso de politização” entre os mesmos, que estaria “poluindo o ambiente do hospital universitário”, são descritos como “particularmente brilhantes e altamente motivados”, com perceptível “*passion d’apprendre*”. Após analisar-se que a vida estudantil é particularmente ativa, confessa-se a impressão de que os mesmos agem como se “aprendessem medicina por si mesmos”. Essas impressões desembocam na conclusão de que “*a motivação e a desenvoltura dos estudantes constituem a força motriz de qualquer reforma que venha a ser executada nessa Universidade*”.

Quanto à gestão da Faculdade de Medicina e Farmácia, constata-se o alijamento dos alunos das esferas de discussão e decisão, bem como a “*ausência de uma liderança inspiradora e unificadora*” na coordenação dessa unidade. Essa constatação conduz à conclusão de que a eleição democrática dos líderes da UEH não seria a melhor forma de designação desses autos cargos de gestão, já que “*não*

temos certeza de que os requisitos que vêm motivando os votos de centenas de eleitores realmente se encaixam nos requisitos e competências necessários para ocupar essa posição". A sugestão que vem logo em seguida é a de que se *"modifique radicalmente o modo de nomeação dos Conselhos Executivo e Universitário"*, sem que, no entanto, se diga exatamente o modelo a adotar.

Parece-nos bastante interessante o modo como esse Relatório será citado e utilizado em todos os outros relatórios aqui analisados (com exceção do Relatório da USIP). Nenhum deles faz qualquer referência às marcantes impressões positivas dos investigadores em relação aos estudantes da UEH. Tudo se passa como se elas jamais houvessem sido feitas, quando ocupam, ao contrário, boa parte do relatório canadense. As constatações que, por outro lado, tornam-se referência para os demais pesquisadores, são aquelas que informam as deficiências da UEH, sobretudo no que diz respeito a um suposto déficit de gestão, liderança e controle que, a partir daí, serão repetidas à exaustão. Como os demais relatórios foram elaborados de fora do Haiti, tais conclusões jamais serão submetidas a nova apreciação e/ou contestação, ganhando o status de verdade. A impressão que temos é a de que a imagem buscada pelos relatórios exige uma certa "homogeneidade" de análise, onde o cenário problemático não pode dividir espaço com avaliações positivas do Ensino Superior haitiano, ou, ainda, que elas pudessem comprometer a coerência das demais constatações.

Por sua vez, o Relatório da Columbia School of International and Public Affairs, apresenta-se como *"esforço de reunir alguns membros da diáspora haitiana para discutir a reforma da educação no país"*. Uma de suas seções é dedicada ao Ensino Superior. Interessa-nos, deste Relatório, entre outros aspectos a serem citados na sequência, o modo como justifica sua razão de ser, a partir da enumeração de uma extensa lista de indicadores utilizados para informar a situação de precariedade em que se encontra o Haiti, em geral, e a educação do país, em particular, sobretudo depois do terremoto de 2010. Os dados utilizados são, em sua totalidade, retirados de outros relatórios, produzidos pelo BM, BIRD e agências da ONU. É também do BM a concepção que expressamente norteia o relatório Columbia, da educação atuando como "poderoso equalizador", capaz de oportunizar *"to all to lift themselves out of poverty"*. Ao lado dessa concepção, a educação em países pobres é compreendida como "fator que impulsiona a produtividade nacional, conduz ao incremento dos rendimentos e fortalece a saúde econômica da nação" e, ainda, que atua como *"poderoso contribuinte ao desenvolvimento, ao permitir que o país torne-se mais competitivo no mercado global"*. É nesse espírito, utilizando como palavras de ordem "qualidade", "eficiência", "eliminação de custos" e "aumento da produtividade", que se define a contribuição de uma "necessária reforma" à educação para os autores do presente Relatório, que objetiva inspirar o governo haitiano, a diáspora haitiana e os agentes internacionais de cooperação .

Em seu tempo, os problemas detectados no Ensino Superior Público Haitiano repetem, em grande medida, o relatórios já mencionado, expressamente citado e arrolado como fonte consultada pelos autores do "Relatório Columbia". Destacamos o modo como a primeira observação feita pelos pesquisadores canadenses, da ausência de um marco legal à regulação da UEH e ausência de agência de controle/avaliação são utilizadas, aqui, para ilustrar como o Ministério de Educação e Formação Profissional do Haiti, parece não ter *"capacidade de cumprir seu mandato"*. Tememos a influência desse tipo de discurso para a legitimação da ingerência estrangeira que, nesse sentido, viria apenas para garantir a efetividade das "ausentes instituições haitianas".

Surpreendeu-nos positivamente, entretanto, o modo como o Relatório manteve as falas de alguns dos membros da diáspora haitiana entrevistados, que não apenas criticaram expressamente a atuação de ONGs e institutos estrangeiros no país, mas contestaram todo o modelo de desenvolvimento a partir do qual a comunidade internacional tem pensado o futuro haitiano e, de modo particular, sua educação. Uma das falas mais interessantes contesta uma suposta fixação da comunidade internacional na reconstrução das estruturas quando, em sua opinião *"when we look at education in Haiti, we don't see a school, we see people coming together"*. Infelizmente, essas falas não impactam as recomendações feitas à comunidade internacional ao final do Relatório, centradas, sobretudo, no envio

de mais doações internacionais e no incentivo à ampliação do fornecimento de recursos humanos (por meio de ONGs) para auxiliar o governo haitiano na reconstrução do sistema educativo.

O relatório seguinte, elaborado pela United States Institute for Peace (USIP), apresentado no próprio relatório como “Instituto independente e não partidário” apesar de “criado e financiado pelo Congresso Americano” é, sem dúvida, um dos mais intrigantes. Além de identificar, em boa medida, problemas de infra-estrutura e gestão já mencionados pelos relatórios anteriores, inova ao classificar o ensino superior haitiano – e, ainda que não faça menção expressa, refere-se a seu movimento estudantil – como questão de segurança nacional, responsável, *“de diversos modos, pela eclosão de conflitos políticos e sociais no Haiti” ao “exacerbar as tensões e provocar agitação destrutiva”*. Essa “agitação destrutiva” diz respeito a *“manifestações em massa, que vêm resultando no fechamento de unidades da Universidade, destruição de edifícios, material escolar e equipamentos”*. Imaginamos que essa “tendência ao conflito” identificada pelas pesquisadoras do USIP nos estudantes universitários haitianos refira-se ao mesmo “excesso de politização” apontado pelos pesquisadores canadenses no primeiro relatório analisado.

As autoras do Relatório, em determinado ponto, admitem que os estudantes também foram vítimas de governos autoritários, sofrendo com a violência imposta por eles, mas apenas para constatar que esses fatos contribuíram para que respondessem, por sua vez, com igual violência. Outra causa apontada como provável intensificadora da “disposição dos estudantes ao conflito”, apresentada em seção denominada “Violência e Desigualdade nos currículos” é o currículo escolar, que, na opinião das autoras, ao conferir atenção demasiada a episódios da história haitiana marcados pelo confronto, seja contra franceses, americanos ou entre os próprios haitianos, “fomenta a violência nas mentes dos alunos haitianos”. Essa “disposição ao conflito” somada a fatores identificados como “históricos” como a proliferação de armas entre os jovens, o tráfico de drogas e os índices de violência crescentes “que costumam acometer pessoas em circunstâncias econômicas desesperadoras” – apesar de não haver citação de qualquer fonte que os comprove – apenas intensificariam *“o potencial criminal que circunda os estudantes haitianos”*.

Percebemos, aqui, que o movimento estudantil haitiano é despojado de toda a sua potência democrática e historicidade, numa evidente manipulação negativa de seu sentido/atuação, que passam a ser compreendidos como mera força destrutiva. Que este relatório tenha sido elaborado por uma instituição ligada ao Congresso Norte-Americano, e que tenha sido difundido dentro do país com um dos maiores contingentes de ONGs presentes no Haiti, apenas agrava o impacto de seu conteúdo.

Esse relatório evidencia, de modo contundente, a relação essencialista entre pobreza e violência, e entre juventude e violência, além de compreender a tradição histórica de luta, confronto e resistência do movimento estudantil da UEH como questão de segurança nacional, comportamento quase criminoso, a ser combatido por meio de uma educação que, em nome da paz, deve ser despojada de suas referências históricas. Isso nos soa como se, livres da compreensão histórica que impele à indignação e à mobilização social por transformação, os jovens estudantes haitianos simplesmente adaptar-se-iam à vida levada, tornando-se os players, definidos por Hannah Arendt (apud COURTINE-DENAMY 2004:63) como aqueles que se adaptam às regras do jogo ao invés de transformá-las por meio da política.

Conclusões

Todos os Relatórios aqui analisados sinalizam a necessidade de transformar a UEH ora em “Universidade de Padrão Internacional”, ora em Instituição adaptada ao mercado. Não há, em qualquer deles, menção ao documento produzido pela Frente de Resistência, que sinaliza os contornos da Universidade desejada pelos próprios haitianos, alunos, professores, sociedade civil. A tendência é a análise dos “problemas” da UEH a partir de um modelo hegemônico e o apontamento de sugestões para

que se aproxime desse modelo. Fica evidente, em todos os casos, o descompasso em relação às características que deveriam marcar uma “Universidade Nova” na concepção já apresentada do movimento estudantil e também na do coletivo de professores, evidenciadas no artigo “A práxis da solidariedade: Base para uma filosofia haitiana da educação”, assinado por Louis-Juste. No lugar de um “modelo de universidade internacional”, estes movimentos clamam por uma Universidade “solidária”, “popular”, “agente de transformação”, onde os saberes/fazeres ameríndios, africanos e ocidentais integrem os currículos, permitindo que inspirem um modelo de desenvolvimento tipicamente haitiano, comprometido com as peculiaridades e potencialidades de seu povo. Percebemos esse acervo de saberes e práticas como repertório epistemológico alternativo, “epistemologia do Sul”, como a proposta por Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Meneses (2009: 49), na medida em que, valorizando o complexo mosaico multicultural que constitui o Haiti, e resistindo ao epistemicídio levado a cabo por visões hegemônicas que se apresentam como únicas, refletem um *“pluralismo epistemológico que reconhece a existência de múltiplas visões que contribuem para o alargamento dos horizontes da mundaneidade, de experiências e práticas sociais e políticas alternativas”*. Ao negá-las, ainda que bem intencionados, os Relatórios aqui apresentados seguem cometendo o epistemicídio mencionado.

A discrepância evidente entre os modelos sugeridos e a Universidade desejada e reivindicada pelos atores haitianos envolvidos nessa Reforma nos remete ao paralelo traçado por Boaventura de Souza Santos (2008) entre o que concebe como “conhecimento universitário” e seu oposto, denominado “conhecimento pluriversitário”. O primeiro estaria assentado sobre um ethos indolente, onde a Universidade é concebida como o único foro legítimo de produção de conhecimento, constituindo:

“um conhecimento predominantemente disciplinar cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano das sociedades. (...) Ainda, na lógica deste processo de produção de conhecimento universitário, a distinção entre conhecimento científico e outros conhecimentos é absoluta, tal como o é a relação entre ciência e sociedade. A Universidade produz conhecimento que a sociedade aplica ou não, uma alternativa que, por mais que seja relevante socialmente, é indiferente ou irrelevante para o conhecimento produzido.”

Por sua vez, o conhecimento pluriversitário é apresentado como:

“conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada. Como essa aplicação ocorre extramuros, a iniciativa da formulação dos problemas que se pretende resolver e a determinação dos critérios da relevância destes é o resultado de uma partilha entre pesquisadores e utilizadores” (SANTOS 2008 pg35).

Parece-nos, assim, que aqueles que olham (sem ver) e analisam (sem conhecer) o Haiti e sua Universidade, em busca de problemas que justifiquem sua reforma e receitas que possibilitem sua adaptação, o fazem dentro desse paradigma indolente e monocultural a que se refere Boaventura. Enquanto isso, tanto a transformação sugerida pela Frente de Resistência quanto a prática que permite a realização desse documento, estão inscritos em um paradigma generoso, um arsenal epistemológico “do Sul”, fundado na abertura, na democratização, no entendimento da Universidade como lugar de todos. A passagem de um paradigma a outro nos parece, além de revolucionária, estrategicamente determinante, porque, caso a Universidade Pública - enquanto instituição - não ocupe esse lugar de intercâmbio e diálogo social (reivindicado pelo movimento estudantil) em países como o Haiti, ele será ocupado pelas mesmas ONGs, OIs, ou instituições estrangeiras de Ensino Superior que desencorajam essa transformação.

Referências Bibliográficas

Haitianas

CASTOR, Susy. *Étudiants et Luttes Sociales Dans la Caraïbe*. Porto Príncipe: CRESFED, 1992;

COLBERT, Ronald. Tentative de Mise em Cuope réglée de l'Université d'Etat d'Haiti. Análise publicada em *Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information* em 29 de Julho de 2002;

DESHOMMES, Fritz. *Universté et Luttes Democratiques en Haiti*. Porto Príncipe, 2002;

LOUIS-JUSTE. Anil. Étudiants éducateurs et professeurs éduqués dans la crise du 27 juillet. Editorial publicado em *Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information*. Porto Príncipe – Haiti, 23 de Outubro de 2002 (2002b). Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article30> Acesso em 10 de janeiro de 2013;

_____. L'autonomie universitaire em mouvement: Élections rectorales contre Réforme de la Participation. Editorial publicado em *Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information*. Porto Príncipe –Haiti, 28 de Abril de 2003 (2003b). Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article475> Acesso em 10 de janeiro de 2013;

_____. Pour l'admission ouverte à l'Université d'État d'Haiti. Editorial publicado em *Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information*. Porto Príncipe –Haiti, 3 de Março de 2003. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article413> Acesso em 10 de janeiro de 2013;

_____. Université et Citoyenneté en Haiti. Editorial publicado em *Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information*. Porto Príncipe –Haiti, 15 de Outubro de 2003 (2003c). Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article798> Acesso em 10 de janeiro de 2013;

_____. Université et Societé en Haiti. Editorial publicado em *Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information*. Porto Príncipe –Haiti, 19 de Setembro de 2002. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article211> Acesso em 10 de janeiro de 2013;

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Haiti: State against Nation. The origins and legacy of Duvalierism*. New York: Monthly Review Press, 1990;

_____. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 1995;

Não-haitianas

ARCE, José Manuel V. Introducción. Decálogo para repensar las certezas. In. BARBERO, Martin. *América Latina, otras visiones desde la cultura: Ciudadanías, juventud, convivencia*. Convenio Andrés Bello, 2005;

DAMATO, Diva. *Édouard Glissant: poética e política*. São Paulo: Anna Blume, 1996;

FERNANDES, Florestan. Universidade e Desenvolvimento. In IANNI, octavio (org.) Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante. 4ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004;

FREIRE, Paulo. *A pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001;

GLISSANT, Édouard. Espaço fechado, palavra aberta. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 3, n.7, Dez.1989. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext &pid=S0103-40141989000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 Dez. 2012;

_____. *Poetics of Relation*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997a;

_____. *Traité du Tout-Monde*. Paris: Gallimard, 1997;

GUILHERME, Manuela. Qual o papel da Pedagogia Crítica nos estudos de língua e cultura? Uma entrevista com Henry A. Giroux. In *Language and Intercultural Communication*. No.6, vol.2. England: Multilingual Matters, 2004;

MAGGIOLO, Oscar J. La universidad latinoamericana: Un ensayo sobre su interpretación. *Nueva Sociedad*. No 33, noviembre/diciembre 1977;

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.) *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167;

MENESES, Maria Paula G. Outras vozes existem, outras histórias são possíveis. In GARCIA, Regina Leite (org.) *Diálogos Cotidianos*. Petrópolis, RJ:DP et Alii, 2010.pg 247-265;

MIGLIARDI, Carlos Durán. El acontecimiento estudiantil y el viraje del proceso sociopolítico chileno. In *Observatorio Social da America Latina (OSAL)*, Año XIII, n° 31, mayo 2012;

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. De Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003;

RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986;

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 3ª ed. São Paulo: Editora CIA das Letras, 1990;

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São. Paulo: Cortez, 2000;

_____. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e CAPINHA, Graça (Orgs). *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec, 2000b;

_____. Para além do pensamento abissal. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n° 79, novembro de 2007;

_____; ALMEIDA FILHO, Naomar; *A Universidade no Século XXI: Para uma universidade Nova*. Coimbra: Gráfica do CES, 2008;

_____; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Aledina 2009;

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Puede hablar el subalterno?* 1ª ed. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2011;

THOMAZ, Omar Ribeiro. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o lougawou. In *Novos Estudos, CEBRAP*. No. 86, Março de 2010, pp-23-39;

_____. Pensar o Haiti, Pensar com o Haiti. Texto publicado no Blog “*Prosa e Verso*” do Jornal O Globo, em 23.01.2011. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/01/23/pensar-haiti-pensar-com-haiti-358045.asp> Com acesso em: 12.12.12

_____. Haitian elites and their perceptions of poverty and of inequality. Em REIS, Elisa P. ; MOORE, Mick (org). *Elite and Perceptions of Poverty & Inequality*. 1ª ed. London/New York: Zed Books, 2005;

ZIBECHI, Raúl. Haiti according to Haiti: International Aid and Colonialism. Entrevista a Omar Ribeiro Thomaz, publicada no jornal virtual *Upside Down World – Covering activism and politics in Latin America*. 18 de Maio de 2010. Disponível em: <http://upsidedownworld.org/main/haiti-archives-51/2498--haiti-according-to-haiti-international-aid-as-colonialism-> acesso em 13 de janeiro de 2013.

Documentos

CARLSON, Wendy L.; DÉSIR, Alison; GOETZ, Stephanie; et al. The haitian diaspora & education reform in Haiti - challenges & recommendations. *Columbia University - Bureau of Haiti's Special Envoy to the United Nations and the Social Science Research Council (SSRC)*. May, 2011.

COMITÉ EXÉCUTIF DE L'ASSOCIATION NATIONALE DES AGRO-PROFESSIONNELS HAITIENS. *Communiqué*. Publicado em Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information. Porto Príncipe - Haiti, 10 de Dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article942> acesso em 10 de janeiro de 2013;

CONSEIL DE L'UNIVERSITÉ D'ÉTAT D'HAÏTI. *Lettre à la Nation*. Publicada em Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information. Porto Príncipe – Haiti, 15 de Dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article947> acesso em 10 de janeiro de 2013;

CONSEIL DE L'UNIVERSITÉ D'ÉTAT D'HAÏTI. *Memorandum du Conseil de l'Université d'Etat d'Haïti relatid à la crise engendrée depuis le comunique du 27 juillet 2002 du MENJS*. Publicada em Alter Presse – Réseau Alternatif haitien d'information. Porto Príncipe - Haiti, 07 de Novembro de 2002. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article272> acesso em 10 de janeiro de 2013;

FRONT DE RÉSISTANCE POUR L'INDÉPENDANCE ET L'AUTONOMIE DE L'UEH. *Cadre de discussions sur la Réforme de l'UEH*. Pourt-au-Price-Haiti, 20 mai 2003. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article506> acesso em 3 de janeiro de 2013;

GOSELIN, Roger; PIERRE, Jean. *Report of mission - conducted from May 22 to June 4, 2005. Canadian International Development Agency*. Canadá: 2005. Disponível em: <http://solutionshaiti.blogspot.com/2007/11/haiti-dossier-universite-detat-lettre.html> acesso em 18 de janeiro de 2012;

HAÏTI, *Constitution de la République d'Haïti*, 1987;

HAÏTI, Ministère de L'Éducation Nationale et Conseil de L'Université d'État d'Haïti. *Dispositions Transitoires Relatives à L'organisation de l'administration centrale de l'Université d'État d'Haïti*. Pourt-au-Price-Haiti, Février 1997. Disponível em: http://www.ueh.edu.ht/admueh/pdf/Dispositions_transitoires.pdf acesso em 3 de janeiro de 2013;

LUZINCOURT, Ketty; GULBRANDSON, Jennifer. Education and Conflict in Haiti: rebuilding the Education Sector after the 2010 Earthquake. Special Report. *United States Institute of Peace*. Washington: August, 2010. Disponível em: <http://www.usip.org/files/resources/sr245.pdf> acesso em 23 de janeiro de 2012;

NASCIMENTO, Sebastião; THOMAZ, Omar Ribeiro. *Da crise às ruínas: Impacto do terremoto sobre o ensino superior no Haiti*. Ministério da Educação. Brasil: Maio de 2010;

